

## **A Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) rumo ao Ano 2000**

**Valdir R. Steuernagel**

O protestantismo histórico americano, como é comum acontecer, segue enfadonha e cansadamente o seu caminho como se nada tivesse mudado. Como uma idosa viúva que, falida e depauperada, vivendo numa decadente mansão, caindo aos pedaços no limite da cidade, ainda faz de conta que a sua família continua controlando a cidade, assim também nossos teólogos e líderes eclesiais continuam pensando e agindo como se ainda estivessem no controle da situação e como se os velhos esquemas ainda tivessem força de vigência.<sup>1</sup>

### **Pensando em Voz Alta**

Eu gostaria de pensar, por um pouco, em voz alta. Pensar acerca de coisas que tenho visto, escutado, lido e meditado. Pensar em conjunto com tantos outros que caminham por entre os meandros desta nossa IECLB.

Pensar, afinal, encontra lá as suas resistências neste nosso tempo. Tempo de perguntas que divagam e respostas que gaguejam. Tempo em que já não se discute apaixonadamente e no qual a apatia parece ser a nossa rainha. Tempo no qual parecemos cansados mesmo depois de termos corrido tão pouco.

Pensar pode, também, ser perigoso. Pode levar à conclusão de que é preciso mudar. E mudanças não conquistam o seu espaço com tanta facilidade. Por vezes, elas são percebidas como ameaças. Suspeito, ainda, que nestes tempos de apatia parece que ficamos todos mais céticos, quando não mais cínicos. E, então, estruturas e instituições tendem a seguir o seu caminho... enquanto der.

Cuidado, digo a mim mesmo, esta não é a melhor linguagem para se começar uma reflexão. Este não é o melhor jeito para se falar como Igreja e acerca da Igreja. E eu até tento reagir e digo a mim mesmo que é preciso ser mais otimista. É preciso falar a linguagem da esperança. Decido, porém, que não é por aí que quero começar. Que, antes, é tempo de sondar o coração, verbalizar a apatia e buscar companhia em meio a esse cansaço com a instituição e a estrutura, quando não é, também, cansaço conosco mesmos. Afinal, este é o tempo do sentimento, da experiência e da terapia. Sinal dos tempos!

## Limpendo as Minhas Lentes

Eu ando por aí um pouco; falando e escutando. Percebo que há dois sinais no ar que até parece que se excluem mutuamente, mas não o fazem.

Um deles é o *sinal do cansaço*. Este é uma espécie de cansaço da juventude que tenho percebido com clareza especial entre pastores — e muitos deles jovens — das igrejas históricas. É um cansaço d'alma que vem cedo. Um cansaço que vem como consequência de uma profunda mudança no assim chamado mercado religioso, ou seja, da chegada desavergonhada da *competição* e da *concorrência*. Numa palavra, é a agonia de ver a sua Igreja histórica, tradicional e, por vezes, imponente, se esvaziar e se tornar impotente enquanto o “boteco religioso” da esquina está apinhado de gente. É o dolorido processo no qual se toma consciência de que o nosso jeito tradicional de ser Igreja e as ferramentas com as quais fomos capacitados ao longo da nossa formação teológica já não respondem às necessidades da nossa gente e aos desafios do nosso tempo. É como estar parado diante do carro pifado e chegar à conclusão de que as ferramentas que temos são de outra bitola. Até podemos chegar ao ponto de ter um diagnóstico correto do problema, mas, se as ferramentas não servem, certamente colhemos a frustração. Na linguagem do sentimento, é essa desgraçada dorzinha que sentimos no peito no domingo à noite e que nos deixa tão desanimados.

Mas esse cansaço tem, assim me parece, ainda outra faceta. É uma espécie de enjôo de estruturas e instituições. Principalmente se e quando estas têm cheiro de livro velho em biblioteca. Este tem um valor histórico e de consulta muito importante, mas, quando se torna o único “manual de consulta” e esta biblioteca o único espaço de movimento, então não há como evitar esse enjôo no estômago da vida ministerial.

Nas minhas andanças tenho visto que este é um tempo de choro dos “jovens cansados”. Choro de dor e solidão, de impotência e frustração. Mas tenho percebido também que este pode vir a ser o choro terapêutico da comunhão e da esperança. E quando os jovens choram juntos, há esperança para a Igreja.

O *outro sinal é o da euforia*, a euforia do crescimento da Igreja evangélica e do despertar missionário desta. Os números desse crescimento variam de país para país, nesta nossa América Latina. Mas a euforia parece ser a mesma, seja na Guatemala com os seus 30%, seja na Colômbia com os seus 3% de evangélicos.

Essa euforia tem na sua retaguarda uma significativa experiência de expansão. O próprio Brasil é um caso em pauta. Em 1992, por exemplo, o Instituto de Estudos da Religião (ISER) realizou um “Censo Institucional Evangélico” na região metropolitana do Rio de Janeiro e concluiu que no triênio de 1990 a 1992 se organizou, naquela área, uma “média de 5 novas igrejas por semana, ou uma média de 1 por dia útil no triênio”<sup>2</sup>. Esse crescimento não seria apenas localizado, mas, conforme o próprio ISER, representa um fenômeno nacional de extrema

relevância: “É este talvez o mais importante movimento promotor de mudanças de mentalidade na sociedade brasileira contemporânea, sobretudo em suas camadas urbanas mais pobres.”<sup>3</sup>

Dentro da tradição e do contexto luteranos a gente não trabalha muito essa questão do crescimento da Igreja. Até porque nossa experiência não é de crescimento e nossa educação teológica nos ensinou que é preciso ser cético quanto ao mesmo.

É claro que o crescimento traz os seus riscos para a Igreja, mas creio que é preciso tomar consciência do que está acontecendo. Eu compartilho da visão de que, como parte da Igreja evangélica de amanhã, vamos ter que rediscutir e redefinir as relações e inter-relações das igrejas entre si e destas com os diferentes segmentos da vida social e política. O nosso espaço, como IECLB, por exemplo, tem diminuído drasticamente. Somos hoje mais desconhecidos do que ontem. Ademais, os paradigmas clássicos de interpretação do fenômeno protestante e evangélico caducaram. É preciso buscar um novo referencial e instrumental para a interpretação do fenômeno evangélico de hoje e sua respectiva expansão.

Cito dois exemplos da tarefa que está diante de nós. O primeiro deles tem relação com o fato de que é na América Latina que esse crescimento tem ocorrido, o que se constitui numa experiência histórica única. É pela primeira vez na história moderna que a Igreja evangélica cresce, num ritmo contínuo e acelerado, num continente tradicionalmente católico e que não tem a marca do anglo-saxão como fator determinante na sua formação histórica e cultural. Que tipo de Igreja vai emergir como resultado desse encontro entre o evangelho e este mosaico de culturas que é a América Latina e que impacto — duradouro ou não — essa Igreja vai ter no nosso tecido social ainda é uma incógnita. Mas o processo certamente precisa ser monitorado.

O segundo exemplo tem relação com o fato de que o crescimento da Igreja que se verifica na América Latina é fundamentalmente pentecostal e carismático<sup>4</sup>. Ademais, o elemento carismático está presente de forma crescente em meio às igrejas históricas. E nós, como IECLB, temos uma dificuldade histórica e cultural muito grande na nossa relação com o pentecostal e o carismático. Aliás, temos olhado para estes com desdém e, por vezes, ainda os miramos através de lentes medievais, intitulado-os simplesmente de “entusiastas”. Já está ficando tarde para reavaliarmos a nossa relação com o pentecostalismo e revermos a nossa interpretação do carismático.

## **Cansaço e Euforia**

Como e onde o cansaço anteriormente mencionado e a euforia recém descrita se encontram pode ser uma questão-chave para nós como IECLB. A realidade da qual não podemos fugir é que fazemos parte daquele universo de igrejas históricas que estão em crise, tem consciência da sua crise e não têm conseguido superar a

sua crise: crise de modelo e crise de paradigma; incógnita pastoral e vazio estratégico.

No que se refere à IECLB, Paul Freston, em sua tese de doutorado intitulada *Protestantes e Política no Brasil: da Constituinte ao Impeachment*, dá um diagnóstico muito claro do desafio que está diante de nós. Falando da IECLB como Igreja de imigração, ele diz que “esta mantém a lealdade por critérios como etnia, família, tradição e localidade, que a protegem em boa parte das forças do mercado (...) Embora a identidade entre etnia e religião ainda proporcione à IECLB uma proteção do mercado, o declínio numérico vai erodindo essa proteção e acabar obrigando-a a lançar-se ao mercado.”<sup>5</sup>

É preciso não esquecer que, como IECLB, temos uma herança a cultivar. Temos, ademais, uma sólida bagagem teológica sobre a qual construir. Mas seria uma ilusão fazer de conta que cá entre nós tudo vai bem e uma vida longa nos espera. Que estamos acima do “mercado” ou que o nosso “mercado” está garantido, enquanto que os outros estão lutando para sobreviver. Não adianta fazer de conta que o número de cotas tende a se recuperar e as nossas paróquias a se recompor. Que o número de membros não vai declinar e os filhos dos luteranos vão continuar a se multiplicar. Que os netos dos construtores de igrejas e as netas das fundadoras das Ordens Auxiliadoras de Senhoras Evangélicas (OASEs) ainda vão suar a camiseta do mesmo jeito que aqueles o fizeram. Que o pastor vai continuar desfrutando — mesmo com o valor da sua Subsistência Base de Obreiro defasado — das garantias e mordomias de uma estrutura que não pergunta por resultados.

Há mudanças no ar que exigem de nós respostas que vão muito além do cosmético. A realidade que está a bater às nossas portas exige de nós um novo jeito de entender a nossa vocação, encarnar a nossa missão e se relacionar com o nosso contexto. O que está diante de nós é um novo tempo. O século XX se acabou e o século XXI já chegou.

## O Ano 2000 É hoje

Cá entre nós, na IECLB, esse negócio em torno do ano 2000 não nos faz muita cócega. Somos céticos quanto à exploração simbólica e mística de outro número redondo a mais. Em outros círculos, no entanto, há todo um movimento que se tem mobilizado em torno do ano 2000. Em amplos meios cristãos, por exemplo, se tem articulado um movimento intitulado “A.D. 2000” e que tem como o seu objetivo central gestar compromissos visando o estabelecimento de uma Igreja em cada “grupo de povo” ainda não alcançado pelo evangelho até o ano 2000.

Compartilho da visão de que precisamos evitar um frenesi histórico e místico até em torno do ano 2000. Mas precisamos também estar conscientes do tempo em que vivemos. E este tempo nos coloca às portas de um novo milênio. Tom

Sine, em seu livro *Wild Hope* (“Esperança Selvagem”), diz que há um tipo de “turbulência” que é típico de final de século. Por isso, diz ele, “é razoável esperar que o cruzamento do limiar do terceiro milênio venha a trazer consigo, muito provavelmente, um tempo de mudanças e desestabilização social”. Ademais, aponta Sine, é preciso considerar que muitos dos desafios atuais não encontram precedentes na história e emergem em quantidade até aqui desconhecida. É por isso que precisamos estar preparados tanto para o pipocar de profecias relativas ao fim do mundo quanto para uma inserção decisiva e imediata na história a fim de que se evite a calamidade<sup>6</sup>.

O que Tom Sine também tem percebido, em seu trabalho de consultoria junto a instituições e denominações cristãs, é que estas têm enormes dificuldades tanto para adequar-se ao momento presente quanto para abraçar os desafios que estão a emergir com tanta força diante de nós. Diz ele:

Toda denominação e organização religiosa com a qual tenho trabalho faz planejamento a longo prazo. Ironicamente, no entanto, elas fazem esse planejamento como se o futuro fosse uma simples extensão do presente (...) não é normal encontrar organizações religiosas ou igrejas que façam o esforço de antecipar as necessidades, desafios ou oportunidades de amanhã. Como consequência, somos cronicamente surpreendidos pelas mudanças. No futuro, não podemos mais nos dar este luxo.<sup>7</sup>

O futuro será muito diferente do passado. O presente dá testemunho disso. É por isso que não podemos deixar de levar nem o futuro nem o presente muito a sério.

## Os Sinais dos Tempos

Há muitas coisas que se poderiam dizer acerca do tempo no qual vivemos. É um tempo fértil em crises e desafios. Quando, em 1989, o muro de Berlim caiu, mais do que um muro ruiu. Mas foi só depois da euforia da queda que se começou a perceber que havia restos de muros espalhados por todos os cantos.

Caiu o muro e caíram escamas que estavam diante de nossos olhos. Afogaram-se os mitos e se desvaneceram os sonhos. Morreram as utopias e entrou em crise a esperança. A década de 90 marcava presença entre nós. E ela parece tão gelatinosa! As fronteiras se tornam tênues e a síndrome do separatismo se instala. As distâncias se encurtam, mas as relações se rompem. As cidades incham e a violência explode. A religião se revigora, mas não gera encontro. As etnias se redescobrem e as tribos se reagrupam. A guerra fria acabou, mas os inúmeros conflitos armados deixam muitos corpos frios estendidos pelo chão.

A década de 90 nasce marcada pela insegurança e pelo medo, pela luta pela sobrevivência e pelo individualismo. É uma década de mudanças profundas tanto a nível de comportamento humano quanto no que se refere à busca de paradigmas que estabeleçam o arcabouço para a despedida dos sonhos de ontem e a emergên-

cia dos sonhos para o amanhã. É por tudo isso que se tem falado tanto na crise da modernidade e na chegada da pós-modernidade.

## A Modernidade e a Pós-Modernidade

Seria uma ilusão querer abordar um tema tão complexo num espaço tão breve. Aliás, por um momento parece que ele nem cabe bem num artigo onde se quer discutir o futuro da IECLB. É preciso mencioná-lo, porém, porque ele tem conseqüências diretas para o nosso jeito de querer ser Igreja hoje e amanhã.

Em um artigo muito interessante, Bryant L. Meyers perguntou pelas conseqüências dessa transição da modernidade para a pós-modernidade, para o movimento e para as relações ecumênicas.

Todas as instituições protestantes significativas dos últimos 150 anos são, segundo Bryant, “produto da modernidade”. Elas incorporaram as “pressuposições do projeto moderno: racionalismo, progresso e a possibilidade de um meta-discurso que pensa poder proporcionar soluções globais”. Ou seja, a modernidade assumiu o dogma de que “havia soluções globais para problemas globais”<sup>8</sup>. Dentro deste marco, ainda segundo Bryant, havia uma tendência a se crer que a elaboração de uma teologia e uma missiologia unificadas seria melhor servida por uma estrutura institucional com um centro forte<sup>9</sup>.

A pós-modernidade não apenas está questionando qualquer “metanarrativa unificadora”, mas celebra a ausência de tal “centro forte”. Ela oferece, por isso, o espaço tanto para o novo quanto para o caos, para o alternativo e para o individualismo. Quanto às estruturas rígidas, hierárquicas e centralizadas, estas passam a ter o cheiro anacrônico de ontem. Já não respondem às necessidades de hoje. No universo institucional atual é preciso que o alternativo, como espaço criativo, e a periferia, como força inovadora, tenham um lugar privilegiado. Aliás, o institucional agora se legitima pela sua capacidade de dar espaço e motivar a vida na base e pela sua habilidade de construir relações e pontes entre movimentos, iniciativas, formas de serviço e inquietações.

A crise da modernidade nos convida e desafia a repensar a forma de ser Igreja no limiar de um novo milênio. E a IECLB não pode passar ao largo desse processo.

## A Força do Mercado

Que o pacote da modernidade está fazendo água é inegável. Mas isso não quer dizer que haja motivo para uma celebração inconsistente. Se a modernidade que vai embora não deixa grande saudade, a pós-modernidade chega soltando os seus demônios. O mundo da pós-modernidade é o das fronteiras gelatinosas. A

fronteira entre o espaço e o caos, a convivência e a invasão, o consumo e a exploração parece extremamente difícil de ser discernida. Ken Jowitt chega a comparar o momento que vivemos ao estado de caos descrito pelo livro de Gênesis, e diz: “Pontos centrais de referência e fronteiras firmes e até rígidas deram lugar a confusão e incerteza territorial, ideológica e política. Precisamos reagir a um mundo que será crescentemente estranho, desconcertante e ameaçador.”<sup>10</sup>

Num mundo de fronteiras sem fronteiras quem sobrevive, aparece e dita as regras do jogo da vida e da morte é o mais forte, o mais ágil, o mais esperto, o mais bonito, o mais jovem, o mais bem relacionado, o mais... Aquele que consegue colocar o seu produto, real ou imaginário, sob os olhos onipresentes das câmaras por mais tempo e pelo menor custo, vendê-lo pelo maior preço possível, para logo em seguida conseguir qualquer outra coisa para expor e vender. É o mundo onde reina o mercado.

Os pobres, pequenos e fracos oscilam entre serem consumidores, consumidos e descartados por esse cruel imperador chamado mercado. É intrigante, no entanto, que esse imperador não consiga proporcionar nem pão, nem paz, nem segurança. É intrigante, ainda, que a multiplicidade de ofertas e a seletiva liberdade de escolhas, na área do mercado, andem de mãos dadas com a imposição de força e o imperar da violência, num pipocar assustador de “novas” fronteiras e de conflitos mais ou menos localizados, seja na ex-Iugoslávia, na Somália, nos morros do Rio de Janeiro ou na minha cidade.

A religião está, por vezes, no centro de toda essa traumática experiência de um caótico voar e nascer de fronteiras. Na ex-Iugoslávia as fronteiras se estabelecem também segundo critérios religiosos. Os bósnios são muçulmanos, os croatas são católicos e os sérvios são ortodoxos, em sua maioria. E aí de quem se arrisca a cruzar fronteiras. O quadro até parece medieval, mas ele reina em plena pós-modernidade, onde e quando os guetos se instalam em plena aldeia global. Esta é a face escondida de uma pluralidade que saúda a tudo e já não consegue se livrar de nada; nem daqueles que dizem que não é possível saudar a tudo.

No que se refere à religião, ainda, a pós-modernidade a saúda como uma vertente importante a questionar essa modernidade arreligiosa e suprarreligiosa. Mas então essa própria religião precisa abrir mão de querer estabelecer fronteiras que se estabeleçam acima de outras fronteiras. A religião é bem-vinda como um produto a mais a ser absorvido nessa bacanal multinacional do consumo desenfreado que vai da religião ao sorvete, do sexo ao correio eletrônico. A pós-modernidade é esta canonização da insaciabilidade do consumo e esta maximização da capacidade de transformar o inimaginável num irresistível objeto de cobiça pelo qual vale a pena fazer qualquer coisa a fim de adquiri-lo.

E a Igreja, por incrível que pareça e por mais desgraçado que seja, precisa “enfrentar” tanto a inevitabilidade e a força do mercado quanto a sua própria viabilização como instituição, neste mercado, mesmo quando abraça uma bandeira

anti-mercado. E desse desafio a IECLB não pode escapar, por mais que a sua história, a sua tradição teológica, o seu purismo idealista e o seu medo do mercado a queiram levar a fugir.

Nós não somente não gostamos desse imperialismo do mercado, mas temos uma dificuldade enorme de nos movimentar nesse universo. É que nos acostumamos a nos movimentar dentro de um mercado cativo. Mas, como já vimos, este mercado está acabando e nós passamos a viver uma nervosa insegurança: o mercado que “temos” já não é nosso, o mercado que pensávamos ter nos estão “roubando” e nós não sabemos jogar segundo as regras desse mercado que quer determinar inclusive a opção religiosa. Podemos até protestar e não querer jogar este jogo, mas também não queremos nem abandonar o campo nem ficar eternamente batendo bola neste pequeno canto de escanteio que, ainda por cima, parece estar encolhendo.

Como se posicionar em relação ao mercado, como sobreviver em meio a ele e como articular um jeito de ser Igreja que seja ao mesmo tempo evangélico e contextual é o desafio em torno do qual precisamos sentar à mesa para uma longa conversa. Se, quando chegar a minha vez, me for permitido dizer alguma coisa, eu gostaria de apontar para o que chamaria de desafios imediatos.

## **Desafios Imediatos**

O meu jeito de olhar para a Igreja e para o nosso tempo me diz que há alguns desafios que, pela sua importância, deveriam receber uma atenção cuidadosa e imediata.

### **1. Do Centro para a Periferia: uma Reviravolta na Estrutura**

Normalmente a periferia vive para o centro, também na Igreja. Não seria difícil citar exemplos. Se uma paróquia da IECLB não consegue pagar as suas cotas, ela fica em dívida com a Secretaria Geral. Mas com quem a paróquia fica em dívida se não consegue arrecadar recursos para o seu trabalho de expansão missionária? Na briga entre a manutenção e a expansão há pouca dúvida a respeito de quem perde.

Ademais, quando se vive em meio a uma crise, a tendência da instituição é ficar nervosa. E quando a instituição está nervosa, ela fabrica leis e regulamentos de cima para baixo e em nome de uma suposta unidade institucional. Observe-se, por exemplo, a recente regulamentação do Conselho Diretor da IECLB quanto à divulgação e ao preenchimento de vagas. A liberdade da comunidade parece ter sido sacrificada sem que esta fosse consultada, e o poder da instituição inchou sem que esta ficasse encabulada com isso.

Para a instituição colocar-se na contramão da história basta que ela comece a exigir, em meio a gritos nervosos, o cumprimento dos regulamentos, sejam estes velhos, sejam recém estabelecidos. Primeiro porque os gritos já não assustam, segundo porque se tornaram cansados e gastos, terceiro porque poucos estão dispostos a se sacrificar e comprometer por uma instituição que se desgasta com a sua própria autopreservação, os seus regulamentos e gritos.

Não que a instituição não seja importante. Ela é fundamental... desde que saiba discernir a sua vocação e a sua função.

A instituição grande, burocrática, supostamente unificadora, centralizada e controladora, se tornou antiprodutiva e é visceralmente rejeitada. A instituição hoje precisa imbuir-se de base. Dá garantias para que a base experimente o novo e a apóia no risco. Anima e encoraja as iniciativas nas fronteiras e facilita o encontro e a mútua fertilização dessas iniciativas. Esta instituição quer ser a menor e a mais barata possível, a fim de que haja o maior espaço possível para que na base se viva e experimente a vocação maior da instituição Igreja, ou seja, a pregação e a vivência do evangelho.

Bryant Meyers diz que para nos libertar do paradigma da modernidade — globalizante, centralizadora, unificadora — precisamos ser escandalizados, empurrados e, talvez, transtornados<sup>11</sup>. Isto não será diferente entre nós, na IECLB. Mas o certo é que o centro precisa mudar de centro.

## **2. Aprender a Pensar estrategicamente e a Trabalhar construtivamente**

Nós estamos imbuídos de uma tradição filosófica e pedagógica que é primeiro liberal e depois, ademais de liberal, conflitiva. E nos orgulhamos disso. A nossa casa maior de formação nos treinou rumo a esse objetivo com os seus professores e livros, sua mística e suas ironias. No processo de formação era fundamental que se perdesse a ingenuidade em relação à fé — sinal de que se chegava à maturidade —, se aprendesse a duvidar, se entrasse em crise e se fosse um *expert* na arte da argumentação. Tanto o liberalismo quanto a dialética, seja teológica ou ideológica, são filhos aprimorados da modernidade. E ambos estão com a sua retaguarda vulnerável. O liberalismo porque gera o vento e a dialética porque não consegue sair da conflitividade que ela por vezes detecta e por vezes produz.

Chega de andar em círculos, como gostam os liberais, e de movimentar-se no império da conflitividade, num típico jogo ideológico de ontem! Precisamos aprender a desenvolver uma pedagogia e uma pastoral que saibam se alegrar e trabalhar com a fé ingênua. Precisamos de transições pastorais em que a primeira palavra do novo pastor não seja: “Isto não pode continuar assim” e de uma formação teológica que não precise dizer a cada esquina do texto bíblico: “Mas isto não pode ter sido assim”.

Ademais, precisamos aprender a pensar estrategicamente. Nós temos uma espécie de ojeriza cultural em relação à palavra “estratégia”. Ela tem, dentro desta percepção cultural, uma conotação quantitativa e programática. É “coisa de americano”, dizemos com desdém, e continuamos a andar dentro dos nossos desgastantes círculos de uma pastoral de atendimento.

Uma saudável percepção estratégica tem clareza quanto à sua vocação, analisa com seriedade o seu contexto, percebe com nitidez o desafio que lhe compete abraçar, estabelece passos dentro dos quais quer caminhar e alvos que quer alcançar. Compartilho da convicção de que dentro da IECLB precisamos fazer mais disso. Afinal, quem de nós consegue responder a pergunta acerca de onde a IECLB quer estar no ano 2000, além de trabalhar com o enganoso pressuposto de que o amanhã será uma cópia do ontem? Onde, afinal, estaremos daqui a 10 anos e quantos, de fato, seremos ou queremos ser naquela oportunidade?

### **3. A Adequação da Formação aos Desafios Reais**

Já se tem dito muitas vezes, nesta nossa Igreja, que a formação na IECLB é distante das comunidades e muito cara. E isto não vai mudar enquanto não deselitizarmos o nosso próprio conceito de formação. Pois a formação, como nós a entendemos — hermética, isolada, livresca, teórica, conceptual, humanista, liberal —, só pode ser cara... e distante das bases. Pois o seu interlocutor e os seus amigos são os discursos teológicos, os diálogos filosóficos, os argumentos entre pares, a bibliografia sofisticada. O pressuposto desse processo de formação é de que tudo é uma questão de formulação. Depois que a problemática é intelectualmente delineada e a solução discursivamente encontrada, o resto é uma questão de implementação. Pobre ilusão essa onde os filósofos-teólogos são reis, os ativistas cidadãos de segunda classe e as comunidades receptáculos!

Também a formação precisa ser descentralizada, virada de cabeça para baixo. Não é do discurso que se vai para a prática, mas da base, com experiência e compromisso, que se vai para a formação, que, então, tem mais a ver com o discipulado do que com o discurso. A formação da qual carecemos precisa ter muito mais a ver com intimidade, paixão e compromisso, com Deus, o próximo e a comunidade, do que o clássico modelo liberal da aquisição de conhecimento abstrato nos permite. A formação precisa estar a serviço de uma espiritualidade que saiba inter-relacionar e harmonizar a Palavra e o Espírito; a oração, o jejum, o milagre e a ação transformadora, a denúncia e a esperança.

#### **4. A Abertura Ministerial e a Quebra do Monopólio Pastoral**

A situação dos pastores, hoje, é de alta vulnerabilidade. O cansaço ao qual nos reportamos acima aponta exatamente nesta direção. Por todos os lados e em todas as instâncias se critica o pastorcentrismo, mas na prática nada muda. Pelo contrário, há duas alternativas que emergem diante de nós que são antes desvios do que caminhos. Uma delas é a sacralização do sagrado e a outra é a corporativização da classe. A discussão em torno das vestes talares e suas diferentes conjugações de cores poderia ser citada como um exemplo do primeiro desvio. É preciso dar notoriedade e distância ao pastor. Veste-se-o então de forma distinta e se o põe como senhor do altar. Outros podem até o ajudar no exercício litúrgico, mas a estola deixa bem claro quem é quem neste jogo de reserva do mercado sagrado. Essa reserva, no entanto, apenas esconde a fragilidade e aponta antes para a vulnerabilidade do que para a afirmação ministerial.

Precisamos aprender a compartilhar o altar, e para tal é preciso exercitar a socialização do mesmo. Ademais, é preciso aprender a sacralizar a cozinha dando lugar a uma espiritualidade que se movimenta antes dentro do universo dos dons do que dos cargos e programas.

O desvio do corporativismo pode ser observado na apatia que os pastores têm demonstrado no que se refere à discussão do documento sobre “Ministério Compartilhado”. Afinal, por que compartilhar o ministério se nem o nosso próprio está garantido e se já há tantas paróquias com dificuldades financeiras? É melhor, então, fechar o acesso ao mercado religioso e proteger-se mutuamente. Transformar-se numa “CUT de preto” é posicionar-se na contramão da história num momento em que corporativismos estão sob suspeita.

Os desafios do momento exigem a coragem para o risco e para o novo. O leigo precisa ter acesso ao altar, a liturgia precisa ser popular e culturalmente conectada, o carismático precisa ter espaço para construir comunidade alternativa, o pastor precisa trabalhar em equipe ministerial, o presbitério precisa ser presbitério e não diretoria, e a expansão da Igreja precisa deixar de depender do clero para tornar-se ministério de todo o povo de Deus.

#### **5. O Cansaço com as Propostas Centralizadoras e a Busca do Espaço Experimental**

Chega de pensar em voz alta! Afinal, ninguém tem que ficar escutando tanta coisa por tanto tempo. Mas agradeço pela oportunidade deste compartilhar. São mais perguntas do que respostas, eu sei. Mas estou convicto de que precisamos dar voz às nossas perguntas. E o encontro das perguntas pode vir a ser o útero de um novo caminho.

Até supponho que escondido por detrás de toda essa conversa esteja uma espécie de grito germinal: É PRECISO DAR ESPAÇO PARA O NOVO. A minha vivência como IECLB me mostra que não podemos continuar caminhando como se nada estivesse acontecendo, não podemos continuar com nossa falta de autocrítica e com a nossa imobilidade, seja institucional ou de modelo pastoral. Assusto-me também com a dificuldade que temos de caminhar com e para o novo. Qualquer iniciativa que escape ou vá além dos caminhos tradicionalmente institucionalizados constitui-se num verdadeiro parto. Para a nossa sobrevivência e para o nosso futuro, no entanto, o risco e o novo são essenciais. Precisamos do que Walter Brueggemann chama de “imaginação profética” que briga com e vai além da voz institucional e tradicional. Imaginação essa que está aberta e disponível para o sopro do Espírito. É este Espírito que quer empurrar a Igreja para o novo e viabilizá-la no amanhã de Deus. Quanto a mim, quero caminhar sob a unção do sopro deste Espírito.

### Notas

- 1 Stanley Hauerwas & William Willimon, cit. ap. Tom SINE, *Wild Hope*, Word Publishing, Dallas, 1991, p. 196.
- 2 Rubem Cesar FERNANDES, *Censo Institucional Evangélico/1992*, Núcleo de Pesquisa/ISER, 1992, pp. 7 e 10.
- 3 ID., *ibid.*, p. 25.
- 4 A pesquisa do ISER, já mencionada, mostra que dos templos evangélicos estabelecidos entre 1990 e 1992 (no Rio de Janeiro), 62 (8,73%) eram vinculados aos evangélicos históricos, enquanto que 648 (91,27%) eram de extração pentecostal (p. 18).
- 5 Paul FRESTON, *Protestantes e Política no Brasil: da Constituinte ao Impeachment*, Tese de doutorado, Unicamp, 1993, p. 46.
- 6 Tom SINE, *op. cit.*, p. 3.
- 7 ID., *ibid.*, p. 172.
- 8 Bryant L. MEYERS, A Funny Thing Happened on the Way to Evangelical-Ecumenical Cooperation, *International Review of Mission*, 400, 401.
- 9 ID., *ibid.*, p. 402.
- 10 Ken JOWITT, After Leninism; the New World Disorder, *Journal of Democracy*, 2(1):12, 1991.
- 11 Briant L. MEYERS, *op. cit.*, p. 407.

Valdir Raul Steuernagel  
Caixa Postal 6557  
80011-970 Curitiba — PR